

# Amadora de Outros Tempos

Por Alves Silva

## COMUNICAÇÃO SALOIA

O tratamento entre as pessoas, estamos a reportar-nos ao século XIX, era, salvo raras exceções, idêntico ao actual. No entanto, existiam padrões hierárquicos a originarem algum cerimonial, onde a riqueza, o escalão social, a idade, a pessoa desconhecida, tinham da parte do saloio um tratamento mais cuidado, algumas vezes com um certo ar de desconfiança.

### “TU” E “VOCÊ”

O grau de intimidade e de afecto deixava ao saloio um campo de manobra comportamental diferente. Marido e mulher tratavam-se por “tu”, mas quando homem tinha idade avançada em relação à mulher, esta tratava o marido por “você” e ele tratava-a por “minha patroa”. O irmão mais novo, quando existiam mais irmãos, tratava o mais velho por “você”, sendo este, em muitos casos, o padrinho daquele.

O saloio mais velho não se atrevia a tratar por “tu” o jovem estudante de visita aos familiares. Neste caso, o pai e a mãe tratavam o filho estudante por “menino”, mas já o vizinho tratava o estudante por “senhor” e desbarretava-se no cumprimento. Outras vezes, e quando existia alguma intimidade entre eles, o estudante era tratado com o diminutivo de “carlinhos”, “luisinho”, etc.

O estudante utilizava para com ele o tratamento de “Ti Manel”, “Ti Luís”, ou mesmo “senhor” ou “senhora”.

### “VOSMECÊ E VOSSÊNCIA”

O saloio, sempre matreiro, utilizava o “vosmecê” para tratar os de menor condição, como o criado, quando o tinha. Mas a palavra “vossência” era sempre aplicada para pessoas afdalgadas, para o regedor e para o professor. Já para o padre vinha a palavra “vossa senhoria”.

O caseiro da quinta era sempre tratado por “patrão”. O saloio raramente pronunciava o nome próprio deste proprietário de qualquer courela de terreno, existindo uma certa subalternidade do saloio para com aquele, sobretudo quando ia trabalhar as terras senhoriais.

A riqueza alterava o nível de relacionamento entre as pessoas ou sempre que uma delas alterava o seu estatuto social, entrava, neste caso o “você”. Era o caso do construtor quando passava de camponês pobre para proprietário rico, ou mesmo quando angariava meios de fortuna através de terras que comprava. Um caso típico, entre outros, existia na Porcalhota de Baixo. Um Apolinário da Silva, homem com muitas terras e alguns meios de fortuna, residia na Porcalhota de Baixo. Mais acima (na Porcalhota de Cima), residia um outro Silva. O Apolinário exigiu que ao seu nome fosse acrescentado o apelido de Silva “Rico” para se diferenciar do Silva “pobre”.

Quem gozava de alguma fortuna era considerado publicamente, era tratado com mais apreço pelo saloio. A qualidade da roupa que vestia também tinha algum efeito, bem como o modo como a pessoa se apresentava.

### NA ÉPOCA DE ELEIÇÕES

Era a única época em que o saloio era tratado de outra maneira, altura em que os políticos faziam questão em que o saloio se não desbarretasse para os cumprimentar.

Entre saloios, o tratamento era de “rapaz”, mesmo entre os mais velhos. O tratamento de pais para filhos por “tu”, de filhos para pais por “você”. O saloio pai quando se dirigia ao filho dizia: “leve isto à senhora sua mãe”. As crianças mais pobres tratavam as mais ricas por “menina” e estas as mais pobres por “tu”.

Os sogros por “tu” aos genros e estes por “vocês” aos sogros.

